

## UM OBJETO DE ESTUDO: A MOTRICIDADE HUMANA (\*)

1. A Universidade constitui o corpo intermédio que mais deve influir no modo de uma Nação ser e estar-no-mundo - um mundo onde o 'natural' cedeu o lugar ao 'cultural' - desde que promova uma atitude racional de crítica, diante da rotina, dos privilégios, da esclerose, das superstições, dos dogmas.

Na Idade Média, na 'Universitas Scientiarum', era a teologia a dar o sentido ao universo das ciências: todas elas convergiam para Deus. De qualquer forma, residia então na Universidade o espaço ideal de realização das ciências. Hoje, já não é só a Universidade a responder às exigências da pesquisa e da administração e da criação científicas. Num mundo de mutações vertiginosas e radicais, as ciências ultrapassam os limites da venerável instituição universitária. E se o mundo inteiro se converteu, na expressão de McLuhan, numa pequena aldeia, trata-se de uma aldeia que persegue uma científicação cada vez mais rigorosa, nos vários aspectos sociais e humanos em que se desdobra.

Manuel Sérgio (\*\*)

De fato, as ciências, depois do Renascimento, têm mesmo ajuda do à construção de novas mundivências, de novas visões do Homem. Será preciso lembrar as revoluções copernicana e darwinista e einsteiniana? No entanto, se o conhecimento científico procura teorizar toda a realidade, a instância a que tradicionalmente se atribui a função de pesquisa ainda é a Universidade. As ciências devem ter aí o seu 'habitat' privilegiado. Admito a utopia de uma sociedade futura, toda ela a um tempo docente e discente. Para já, uma via de realização do desenvolvimento científico passa (ou começa) inevitavelmente na instituição. Ela continua a ser, como na Idade Média, a 'Universitas Scientiarum' (a Universidade das Ciências)...

Nesta conformidade, como instituição universitária, é lícito perguntar onde reside a cientificidade das Faculdades (ou Institutos Superiores) de Educação Física, que lhes dê autonomia e singularidade, isto é, qual o seu objeto teórico de estudo e como se processa a sua 'prática científica'. Um objeto teórico apresenta caracteres bem nítidos de abstração. Demais, uma teoria é um enunciado universal - serve para racionalizar e explicar o mundo que nos rodeia. Uma ciência é um sistema, bem elaborado e sistematicamente construído, de teorias,

\* C presente ensaio é inédito no Brasil tendo sido publicado apenas pela Revista PROFÉRIA CULTURA E INFORMAÇÃO - Série Mensal - Vol. 100 nº 17 - Março 1988 - Lisboa. Este mesmo trabalho é o texto integral para a mudança de objecto de estudo na Faculdade de Educação Física da UNICAMP.

\*\* Professor auxiliar da Universidade de Técnica de Lisboa e professor visitante da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Daf, o fato de ela tender à axiomatização.

Segundo Popper, "pode afirmar-se que um sistema teórico está axiomatizado, se se formulou um conjunto de enunciados, os axiomas, que satisfaça aos quatro seguintes requisitos fundamentais: o sistema de axiomas deve estar 'livre de contradições' (...). Isto equivale à exigência de que nem todo o enunciado arbitrariamente escolhido é dedutível dele. O sistema deve ser 'independente', ou seja, não deve ter nenhum axioma dedutível doutros axiomas (...). Os axiomas devem ainda ser 'suficientes', no que respeita à dedução de todos os enunciados pertencentes à teoria que se deve axiomatizar e 'necessários', pelas mesmas razões da sua suficiência (...)" ('A Lógica da Investigação Científica'). Acontecerá tudo isto com a Educação Física?... Sabemos que não. E por esta razão muito simples: não só o termo 'Educação Física' não tem sentido, porque seria tentar resuscitar um cartesianismo defunto, como não tem autonomia, dado que se afirma tão-só um elemento (ao lado doutros) da educação integral (isto é, sem aquela, esta não tem sentido).

Para Descartes, o corpo, "o universo material era uma máquina. Não havia propósito, vida ou espiritualidade na matéria. A natureza funcionava de acordo com leis mecânicas e tudo no mundo material podia ser explicado em função da organização e do movimento de suas partes. Esse quadro mecânico da natureza tornou-se o paradigma dominante na ciência, no período que se seguiu a Descartes (...). Toda a elaboração da ciência mecanicista, nos séculos XVII, XVIII e XIX, incluindo a grande síntese de Newton, nada mais foi

do que o desenvolvimento da idéia cartesiana. Descartes deu ao pensamento científico sua estrutura geral - a concepção da natureza como uma máquina perfeita, governada por leis matemáticas exatas" (Fritjof Capra. 'O Ponto de Mutação'. Editora Cultrix, São Paulo, 1986).

E mais adiante continua, no mesmo livro, Fritjof Capra: "A concepção de Descartes sobre organismos vivos teve uma influência decisiva no desenvolvimento das ciências humanas. A cuidadosa descrição dos mecanismos que compõem os organismos vivos tem sido a principal tarefa dos biólogos, médicos e psicólogos, nos últimos trezentos anos. A abordagem cartesiana foi coroada de êxito, especialmente na biologia, mas também limitou as direções da pesquisa científica. O problema é que os cientistas, encorajados pelo seu êxito em tratar os organismos vivos como máquinas, passaram a acreditar que estes nada mais são do que máquinas. As consequências nefastas dessa falácia reducionista tornaram-se especialmente evidentes na medicina, onde a adesão ao modelo cartesiano do corpo humano, como um mecanismo de relógio, impediu os médicos de compreender muitas das mais importantes enfermidades atuais".

2. A Educação Física faz também do Homem uma simples máquina no espaço tridimensional da geometria euclidiana. E assim como na concepção cartesiana-newtoniana um Deus monárquico governava o Mundo, impondo-lhe a sua lei divina, assim também a Educação Física vai admitindo, inamovível, o espírito e o corpo como duas monadas de Leibniz, onde ou ao espírito cabe o papel primordial (como é de lei na Educação Física propugnada por todos os misticismos

0

nacionalistas) ou ao corpo é tributada uma tal veneração que tudo o que não seja valorização muscular, 'performance' meramente física, corpolatria orgiástica passa a ser descrito como existência diminuída, arremedo grosseiro de existência civilizada. De fato, a corpolatria é apenas uma peripécia particularmente escandalosa do cartesianismo vigente na dita Educação Física. Daí o abismo persistente entre o tipo de homem que a Educação Física afirma ajudar a nascer e o hiperatropiamento da 'res cogitans' ou da 'res extensa'. Daí ainda a Educação Física não viver as contradições à existência simultânea do científico e do pseudo-científico mas numa 'Disneylândia' qualquer onde a verificabilidade empírica dispensa, como sacrílega contestação, a refutabilidade empírica.

Falar de ciência atual, neste espaço mítico, é um contra-senso porque surpreende a falácia - como diz o eminente físico Fritjof Capra, no livro que vimos citando - "de se considerar os organismos vivos como máquinas controladas por cadeias lineares de causa e efeito". Mas a ciência biomédica, onde a Educação Física hodierna ainda radica, também apresenta erros evidentes, oriundos do cartesianismo e esquecendo a matriz de um conceito holístico e ecológico de saúde. Com efeito, a visão holística dos organismos vivos é recusada pela concepção clássica de ciência, porque implica modificações transparentes em toda a conceptualização unilateral em que ela assenta e pela qual tem obtido resultados espetaculares. Só que a natureza humana é 'Bios' e 'Logos' em constante interação e auto-organização, de acordo com as exigências de uma abordagem sistêmica. Por is

so, a Educação Física Tradicional, vítima do paradigma cartesiano, se dá velocidade, resistência 'endurance', impulsão, etc., etc, não pode dar saúde, porque lhe falta um trabalho ao nível da complexidade, estruturado de acordo com o 'ego-pensado' e pondo de lado o 'multi-pensante', isto é, centrado mais sobre a facticidade quantitativa e menos sobre a realidade qualitativa. Por outras palavras ainda: dando a primazia ao abstrato, à parte, e subvalorizando o concreto, o todo. Separar, no Homem, o Físico da Pessoa significa dizer que, na ação, o ser humano não atualiza todas as suas potencialidades e... só algumas!

O Homem é um ser em caminho: o 'homo viator' do cristianismo. Por isso, ele 'faz', não 'é', a sua essência. A sua historicidade de prova-o. Mas o Homem, porque é um ser-da-esperança. Ser condicionado pela circunstância (yo soy yo y mi circunstancia, disse o Ortega Y Gasset) o Homem é não só normado, mas também necessariamente normativo. É, como tal, é um 'ser prático' e, por conseguinte, não se queda na torre de marfim da subjetividade, mas objetiva-se, rumo ao Mundo, aos Outros e à Transcendência. E, ao objetivar-se na 'práxis', o Homem reflete e projeta o real, a própria teoria transforma-se no conhecimento de um Mundo criado pelo Homem. Por aqui se vê que a dita Educação Física, porque é Física, não pode ser raiz do conhecimento, dado que isola o 'físico' do 'intelectual' e 'moral' e assim não é uma categoria gnoseológica, nem uma categoria sociológica - é um conglomerado de técnicas, sem qualquer tipo de fundamento válido. Não basta uma prática, precisa é uma compreensão da prática,

ou seja, a unidade prática-teoria: teoria essa que pretende interpretar e projetar a prática. De fato, esta não se esclarece por si mesma, dado que toda a prática implica sempre a consciência da práxis. Há dois tipos de práxis, a 'criativa' e a 'repetitiva'. Em ambas está presente a consciência. Só que, nesta, predomina a espontaneidade e, naquela, a capacidade reflexiva e crítica. Dir-se-á que a Educação Física hodierna está consciente de tudo isto que vem de escrever-se até aqui. Mas, se assim é, se já tem tão cabal conhecimento de si, por que persiste com uma designação (Educação Física) que não se adapta ao seu conteúdo prático-teórico, antes o mistifica e o limita?

3. A Educação Física: libertação ou alienação? Continuará alienação enquanto for 'física', pois que esta palavra apresenta uma clara significação ideológica. Na realidade, a Educação Física leva a uma definição de Homem conformista, imobilizada no tempo e, acima do mais, uma idéia de natureza humana dividida (ontológica e metafisicamente) em corpo e alma e, por consequência, sem um projeto global de humanidade. A Educação Física tradicional afirma-se cultura, mas não se sabe explicar no quadro de uma cultura entendida como criatividade, como invenção, como pesquisa, visto que sobrevive da esmola dos modelos analógicos e do entusiasmo desbordante de muitos dos seus técnicos e não de uma 'atitude científica', de uma 'decisão e compromisso científicos' que a visõem como fenômeno emergente, em evolução, no quadro geral das ciências. Que o mesmo é dizer: deve a Educação Física procurar entender-se como ciência independen-

te e autônoma e com um objeto de estudo que não ofereça dúvidas sobre os seus fundamentos lógicos, epistemológicos e existenciais.

Não se pense que a minha defesa paciente e persistente de uma nova ciência signifique o refluxo de um positivismo que faz do conhecimento científico o paradigma exclusivo do humano. William James adverte, no Book II dos 'Principles of psychology': "A ciência deve ser constantemente advertida de que os seus objetivos não são os únicos e que a ordem de causalidade unilinear de que se ocupa e que postula, de modo concreto, pode estar envolta numa ordem mais ampla sobre a qual ela não tem direitos absolutos". Já São Tomás de Aquino avisava os "empiristas" do seu tempo: 'Praestet fides supplementum sensuum defectui' (que a fé presta auxílio às falhas dos sentidos). Quero eu dizer afinal que, a um reexame crítico, os temas atinentes à Educação Física não se circunscrevem ao quadriculado científico, já que os seus problemas são problemas humanos. Mas, se não se quer descambar num 'reducionismo ontológico' (apenas a técnica se encontra na base da Educação Física) ou num 'reducionismo metodológico' (do mais baixo nível de complexidade se deve partir em direção ao mais alto nível) ou num 'reducionismo epistemológico' (mesmo sem uma ciência autônoma, a Educação Física é possível com ciências de empréstimo) é bom que se investigue (e como dá vontade de recordar, nesse passo, o 'vitalismo' de Bergson de l'Évolution Créatrice', que sublinha a vida como 'uma força, um sopro, um ímpeto, uma corrente, um impulso, um esforço, uma tendência, uma onda', que atravessam a matéria e a levam a evoluir) é

10

bom que se investigue, dizia, se a dita Educação Física é um subproduto do desenvolvimento científico ou uma pedagogia que assente numa ciência autônoma, independente, que crie um novo potencial humano de dinamismo e versatilidade, faça o corte com preconceitos mistificadores e abra espaços fecundos de inter e transdisciplinaridade.

É erro de tomo prosseguir-se nesse campo, com uma ideologia do acaso e da necessidade, não se avançando para um saber científico, à luz da problemática antropológica moderna, que forceja por abranger a totalidade. A evolução científica é o próprio antídoto (se prventura Homens da esbirra e da linha de Teilhard de Chardin e Dobzhansky têm razão). O próprio impasse profissional onde jazem os ainda denominados professores de Educação Física decorre da falta de especialização dentro de áreas determinadas e, por conseguinte, sem o reconhecimento social que um especialista na 'ciência da motricidade humana' reclama e exige. A idéia de uma 'comunidade científica', neste setor, também vai se esfumando, pela mesma razão. Com efeito, o número de cientistas da dita Educação Física de reconhecida qualidade internacional - praticamente não existe! Os recursos econômicos, destinados pelos Governos, à pesquisa - praticamente não existem, já que o dinheiro se gasta e se esgota no fomento e manutenção do desporto de altos rendimentos! As verbas, visando a investigação - praticamente não existem, porque a determinam pessoas sem qualquer passado ou interesse na investigação e sem a compreensão do papel-chave de uma nova ciência, a 'ciência da motrici-

dade humana', como prática transformadora. Efetivamente, não é neutra a criação de uma nova ciência. Com ela, persegue-se uma imagem que nos permite uma 'apropriação cognitiva' mais correta, sistemática, intencional, planeada e uma participação mais democrática, na problematização e construção do Homem, da Sociedade e da História.

4. Mas haverá lugar para a ciência da motricidade humana, no quadro geral das ciências? Se a considerarmos um ramo da biologia como já pretendia Spencer, em relação à psicologia, ela tem o seu lugar marcado entre as ciências da natureza; se a definirmos como a ciência que estuda a explicação e a compreensão das condutas motoras, ela cabe inteiramente entre as ciências do homem. Como a psicologia, a ciência da motricidade humana apresenta um objeto de observação igual ao observador. Este fenômeno invulgar dá-lhe uma posição de relevo em qualquer metodologia científica. A construção de uma ciência arranca de dados concretos ou comunicacionais e constrói teorias onde esses dados assentam. Na ciência da motricidade humana, a 'conduta motora' é o que se observa, à luz de uma determinada 'teoria'. Em primeiro lugar, portanto, a conduta; vem, depois, a construção teórica (uma hipótese, entre tantas), básica para o trabalho do investigador. E chegamos então ao objeto de estudo sobre o qual assenta a referida construção teórica. No meu entender, a motricidade humana...

Que o denominado 'professor de Educação Física' sempre trabalhou ao nível da motricidade humana - não será preciso muito tempo para prová-lo. Desde a criança

debruçando-se especialmente sobre as condutas motoras de base (que são mais ou menos instintivas), as condutas neuro motoras (estritamente ligadas à maturação do sistema nervoso) e as condutas perceptivomotoras ligadas à consciência e à memória) passando pela motricidade típica do desporto e da dança e chegando à gerontomotricidade, à ergomotricidade e à reabilitação, etc. - é a 'conduta motora' que ele observa, é a linguagem do corpo que ele escuta. Mas a motricidade não é o simples movimento, porque é 'práxis' e, como tal, 'cultura' (ou seja, transformação que o Homem realiza, consciente e livremente, tanto em si mesmo como no Mundo que o rodeia). Se me é permitida, neste passo, uma definição pessoal, a motricidade é 'a capacidade para o movimento centrífugo da personalização'. O movimento é a parte de um 'todo' - o ser finito e carente que se transcende. A motricidade é o sentido desse todo, estando por isso presente nas dimensões fundamentais do ser humano, atualizando-as. Ela é uma 'energia' e não tanto um 'produto'. Cientificamente, só como 'produto' a podemos estudar, mas seria distração imperdoável separar a 'enérgeia do érgon', a energia do produto. O produto (o movimento) é uma atividade repetida e repetível, conquanto nunca de maneira perfeitamente idêntica. A energia, por seu turno, revela a natureza intrinsecamente dinâmica do Homem, como aliás de toda a Natureza, desde o mundo subatômico, que é, todo ele, ritmo e mudança... mas de elementos interligados, como Bohr e Heisenberg o têm evidenciado, ao longo de toda a história da teoria quântica.

Dáí que a motricidade suponha:

- Uma visão sistêmica do Homem (que o mesmo é dizer: em termos de relação e integração). "A visão sistêmica dos organismos vivos é difícil de ser apreendida a partir da perspectiva da ciência clássica, porque requer modificações significativas de muitos conceitos e ideais clássicos. A situação não difere muito daquela que os físicos de frontaram nas primeiras três décadas deste século, quando foram forçados a fazer revisões drásticas em seus conceitos básicos da realidade, a fim de compreenderem os fenômenos atômicos. Esse paralelo é ainda corroborado pelo fato de que a noção de complementariedade, tão crucial no desenvolvimento da física atômica, também parece desempenhar um importante papel na nova biologia sistêmica" (Fritjof Capra, 'O Ponto de Mutação').
- A existência de um ser não especializado e carenciado, aberto ao mundo, aos outros e à transcendência. "O homem excede infinitamente o homem", de Pascal, dá bem a medida do dinamismo de transcensão que o habita. O homem é, de fato, um peregrino do Absoluto, porque viver é sentir a contingência da nossa condição atual e... tentar superá-la!
- E, porque aberto ao Mundo, aos outros e à transcendência, e de les carente, um 'ser prático', procurando encontrar e produzir o que, na complexidade, lhe permite unidade e realização. "O homem é um processo, precisamente o processo dos seus atos", disse-o Antônio Gramsci ('Concepção Dialética da História'. Editora Civilização Brasileira SA). Mas os seus atos, porque partem de um ser 'incondiciona

do' (Viktor Frankl), forcejam por ser vias autênticas de libertação integral... na angústia e na esperança; na angústia ou no sentimento da nossa carência ontológica; na esperança, ou no pressentimento de uma plenitude futura.

- E, porque 'ser prático', com acesso a uma experiência englobante, agente e fator de cultura, projeto originário de todo o sentido, memória do Mundo e ser axiotrópico (que persegue, apreende e realiza valores). Não é ao nível do puramente animal, mas do intrinsecamente cultural, que o Homem conhece e se conhece, transforma e se transforma.

Por seu turno, a motricidade constitui:

- Uma 'energia'... que é estatuto ontológico, vocação e provocação de abertura à transcendência. Para S. Lupasco ( 'Les trois matiéres', Paris) todo o sistema é feito de energia...
- O processo adaptativo, a um meio ambiente variável, de um ser não especializado, e, por isso, em que o ritmo evolutivo, incluindo as estruturas do Sistema Nervoso Central, é lento, implicando a existência de uma demorada puberdade e de uma família estável e duradoura.
- O processo evolutivo de um ser, com predisposição à interioridade, à prática dialogal e à cultura. E, porque um ser com predisposição à interioridade, à prática dialogal e à cultura, integrando paulatinamente padrões de comportamento e novos quadros teóricos, necessários à criação e manutenção do 'meio artificial e informacional', indispensável à sua sobrevivência e desenvolvimento.
- O processo criativo de um ser em que as práxis lúdicas, ago

nísticas, simbólicas e produtivas traduzem a vontade e as condições de o Homem de se realizar como sujeito, ou seja, como autor responsável dos seus atos; designam, além disso, a capacidade (e o direito) de construir uma situação pessoal de maturidade e de sonho, que torne possível uma existência liberta e libertadora e que adquirira a expressão do inédito e do absoluto.

Afirmou-se em congresso recente que "as certezas caíram, mas as ciências não" (A. Dou. 'Fragmen-tariedad de las Ciencias). É que a verdade não se descobre, constrói-se. Nas ciências, não há 'estruturas' em sentido estático, mas 'processos' marcadamente dinâmicos, temporais, inovadores e criativos. Todavia, é bem verdade que as ciências, nos dias que passam, mostram-se refratárias a todas as elaborações de ordem filosófica ou religiosa, que lhes surgem como anteriores ou exteriores. Talvez porque se afirmam e confirmam na 'descontinuidade' - descontinuidade visível no 'corte epistemológico' donde surge a 'ciência da motricidade humana' (de fato, há um novo discurso dentro de uma nova 'proble-mática'). E, por conseguinte, entendida como ciência (e ciência do homem), percebida a motricidade como estrutura essencial da complexidade humana - todo o trabalho ao nível da motricidade humana terá de ser transferido da posição de elemento adicional e complementar (como acontece com a Educação Física) para o lugar de alfabeto básico, para ser aprendido antes das primeiras letras e conduzido até ao brotar e ao florescer da cultura, como movimento que mantém em si a tensão para o 'mais-ser'.

5. Afinal, só como ciência do homem (onde a 'compreensão' é superior à 'explicação') a motricidade humana encontra justificção na 'Universitas Scientiarum' como saber independente e singular. Tão-só como Educação Física, a investigação que a dinamiza não parece crescer o quadriculado das Faculdades de Ciências da Educação. Mas se a Universidade caminha para a universalidade (isto é, para novas disciplinas e formas de saber humano); se a motricidade humana é ciência, de acordo com a cadeia evolutiva da sua própria história, já que é no campo da 'motricidade', e não do 'físico', que é possível descortinar, entender, educar, investigar o Homem, rumo à sua personalização; se o transcendente possibilita a evolução que o requer e, portanto, não é própria da condição humana uma indefinível mesmidade e continuidade - a Universidade há de franquear as suas portas à motricidade humana ou, melhor ainda, ao desenvolvimento, através da motricidade humana. E que acontece, neste caso? Abre-se mais uma pista para uma teoria sobre o Homem, em que o sentido das articulações se faz no âmbito da motricidade, a qual sustenta e "presentifica" tudo o que no Homem é desenvolvimento, 'axiotropismo', caminho lúcido, festivo para a transcendência. E será preciso acrescentar que a Universidade muda de rosto, com este sopro de anticartesianismo, com esta perspectiva holística, a renunciadores da complexidade humana?

Propor como objeto de estudo, para as tradicionais Faculdades de Educação Física (FEF's), a motricidade humana quer significar:

- Que a Educação Física não abran-

ge todo o campo de ação dos seus profissionais, dado que, como especialistas da ciência da motricidade humana, caber-lhes, por direito próprio, o jogo, o desporto, a ginástica, a dança, o circo, a ergonomia e a reabilitação (e o treino que acompanha todas estas atividades). A 'Educação Motora' (que deveria substituir a expressão Educação Física) é o ramo pedagógico da Ciência da Motricidade de Humana e deverá estar presente (como meio indispensável) nas manifestações concretas da ludomotricidade, da ergomotricidade e da ludoergomotricidade.

- Que as Faculdades de Educação Física deverão passar a chamar-se Faculdades de Motricidade Humana, passando assim a referir-se a um campo do conhecimento e não a uma profissão.

- Que a Motricidade Humana explica o absoluto de Sentido e o sentido do Absoluto emergentes do movimento intencional, específico do 'ser carente' que persegue a separação e o sonho (ou, por outras palavras, o desenvolvimento).

- Que, desta forma, como ciência e consciência, a Motricidade Humana adquire lugar indiscutível entre as ciências universitárias (o que não acontece com a Educação Física).

- Que os "currícula" escolares das Faculdades de Motricidade Humana não-de acrescentar às disciplinas básicas, de teor biológico, outras disciplinas básicas de teor cultural.

Como escreveu Bernanos, em livro póstumo, só aqueles que forem capazes de "desesperar" dos preconceitos e das ilusões, em que se fundamentavam, podem verdadeiramente esperar. E acrescentava: a esperança é um risco, o



maior de todos os riscos. E, por isso mesmo, a mais difícil de to das as vitórias; aquela que o Ho mem alcança sobre si, próprio (Cfr G. Bernanos, 'La Liberté pour quoi faire?').

A Educação Física não está em crise: perdeu a tranquilidade das margens onde tudo se encon trava solidamente construído e vê-se forçada a procurar outros horizontes, novas orientações.

Só que uma situação de crise, sem esperança, é difícilmente pensável.

Esta proposta, apontando para a 'motricidade humana' (ou para o 'desenvolvimento através da mo tricidade humana') como objeto de estudo da Faculdade de Educa ção Física da UNICAMP ( Universi dade Estadual de Campinas), quer ser um sinal de esperança, num tempo de crise...